

A TECNOLOGIA VISTA PELOS JOVENS E FAMÍLIAS E SUA INTEGRAÇÃO NO CURRÍCULO

Maria da Graça Caridade Barbosa Pereira – UMINHO/PT
Bento Duarte da Silva – UMINHO/PT

1. Introdução à Problemática

“A generalização do acesso de Internet e às tecnologias de informação e comunicação é um factor crítico para a modernização e desenvolvimento da sociedade portuguesa. Implica a ampla apropriação destas tecnologias, a sua difusão em vários sectores da sociedade, o combate à info-exclusão (...) uma nova acção política de mobilização para a sociedade de informação em Portugal.” (Ligar Portugal, 2005).

No contexto português, nos últimos anos tem havido inúmeras iniciativas governamentais cujo objectivo é fomentar a utilização das tecnologias de informação e comunicação, em especial da Internet, na sociedade, em geral, e no contexto escolar em particular. Recentemente, o Governo decidiu, em 2005, decidiu criar o Plano Tecnológico (CM, 2005), sendo a Educação um dos seus principais eixos estratégicos, e em 2007 aprovou Plano Tecnológico da Educação (CM, 2007). Estas iniciativas de implementação da Sociedade de Informação em Portugal têm merecido acompanhamento por um grupo de trabalho específico (GTAESI, 2007)¹.

Esta generalização do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), e à Internet, leva-nos a colocar algumas questões sobre o facto de haver, ou não, uma tendência “natural” dos jovens para o uso de tecnologia, que de algum modo os pode diferenciar de gerações anteriores. Falamos da *fluência* relativa aos meios tecnológicos e digitais, uma perspectiva que Papert (1997) denomina de *estilos de aprendizagem* dos jovens e a sua diferenciação de outras gerações, em particular dos pais, que constituem, também, um dos públicos visados no presente estudo.

Os jovens parecem ser a prova viva da fantástica descrição da tecnologia como extensão do corpo e da mente, retomando a imagem de Kerckhove (1995). Talvez mais do que em qualquer outra época de convivência tecnológica, os jovens estão a desenvolver competências de utilização digital e estilos de aprendizagem que se afastam da dos adultos. A escola terá, assim, a obrigação de adaptar-se, correndo o risco de, não

¹ Para uma fundamentação do papel das TIC nas Reformas Educativas em Portugal pode consultar SILVA (2001).

o fazendo, deixar de despertar atenção e restar desprovida de significado para os jovens. O primeiro passo será compreender as razões da possível desadequação do modelo de escola aos estilos e competências dos jovens digitais.

Embora conscientes que a tecnologia, em especial a Internet, acarreta consigo aspectos positivos e negativos... não tentaremos decidir quem vence esta batalha entre o *bem* e o *mal*, o que nos parece certo, e o que observamos, é que os jovens usam a tecnologia *porque gostam!* Esta é, de algum modo, a óptica de Papert (1997: 21)

“Espalhado pelo mundo existe um apaixonado caso de amor entre as crianças e os computadores (...) Sabem que pertencem à geração dos computadores”

Cabe-nos a nós, educadores e investigadores da educação, desvendar as razões desta ligação emocional dos jovens às actuais TIC, e apoderarmo-nos das razões que fazem com que gostem e nos ensinem a nós a forma como gostam de aprender. Se o fizermos, teremos a (a)ventura de usar as competências que eles já possuem para os incentivar a saber um pouco mais. Talvez não a ensinar, simplesmente, mas a ajudar a aprender. Lembrando Freire (1996), dizemos que *quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.*

2. Metodologia

O objectivo geral deste estudo é analisar de que forma os jovens utilizam os meios de comunicação digital, principalmente a Internet. É nosso interesse compreender qual o acesso aos meios tecnológicos que os jovens e as famílias possuem, a relação da Internet com a escola, averiguar se os objectivos de utilização da Internet são diferentes ou similares, quer se trate do seu uso na escola ou fora desta. Pretende-se também verificar a que tipo de aprendizagens pode levar esta competência de utilização da Internet, se é trabalhada em ambiente escolar ou se se processa sobretudo em ambiente extra-escolar.

Entendemos que a metodologia mais adequada seria de tipo descritiva de exploração, pois tem por objectivo principal descrever e compreender os fenómenos, se baseia-se na observação, a qual se realiza no ambiente natural, usando técnicas quantitativas e qualitativas de recolha de dados (Bisquerra, 1989:129).

Sendo uma investigação descritiva, e tendo em conta a especificidade da amostra, não se pretende generalizar resultados, mas compreender uma realidade específica e eventualmente tirar ilações para realidades equivalentes.

O contexto seleccionado para o estudo foi o do Agrupamento de Escolas do Pico de Regalados, localizado no Norte de Portugal, que inscreve a sua intervenção pedagógica num território de 24 freguesias de carácter eminentemente rural.

De acordo com o Projecto Educativo do Agrupamento (PEA, 2008), o meio económico do Agrupamento caracteriza-se pelo predomínio do sector primário, que ocupa cerca de 60% da população activa, factor que de, alguma maneira, caracteriza o estatuto socioprofissional da grande maioria dos agregados familiares. Relativamente ao nível de escolaridade dos pais verifica-se que a maioria possui a escolaridade básica (90%) e, destes, 63% apenas o 4º ano de escolaridade.

A população do estudo é formada pelos alunos de 3º ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º anos de escolaridade) no ano lectivo de 2007/2008 (369 alunos). Utilizamos uma amostra de cerca de 30% dos jovens de cada ano de escolaridade, através de selecção aleatória simples por turma, respeitando a representatividade nas características ao nível de género, ano de escolaridade e idade. A amostra produtora de dados ficou constituída por 128 alunos (35% da população), sendo: 44 do 7º ano, 36 do 8º ano e 48 do 9º ano.

Tendo o estudo uma base familiar foi também definida uma amostra similar à dos jovens para os respectivos pais /encarregados de educação² mas, como a devolução dos questionário foi menor, a amostra produtora de dados ficou constituída por 92 elementos.

O instrumento de investigação utilizado foi o questionário, tendo sido realizados dois questionários diferentes, embora abrangendo dimensões de análise similares: um para os jovens e um outro para as famílias, que foi respondido pelos pais/encarregados de educação dos jovens. Os questionários foram elaborados de raiz, tendo por inspiração os estudos realizados por: Livingstone & Bovill (2001 a, b, c), nos estudos sobre os jovens e os meios digitais; pelo *Groupe de Recherche sur la Relation Enfants Médias* (GRREM), em estudo coordenado por Jacquinet (2002); e ainda no instrumento utilizado pela equipa de investigação coordenada por Gustavo Cardoso sobre a *Sociedade em Rede em Portugal* (Cardoso et. al., 2005). Os questionários foram sujeitos a uma validação de conteúdo junto de especialistas em TIC, de instituições de ensino superior nacionais e estrangeiros, seguindo as recomendações de Almeida e Freire (2000) que aconselham “a consulta de especialistas ou profissionais com prática no domínio”. Neste

² Foi apenas enviado um questionário para a família do respectivo jovem, devendo o mesmo ser preenchido pelo pai ou mãe, preferencialmente pelo membro que assume a função de encarregado de educação perante a escola. De salientar que a maioria das respondentes ao questionário familiar foram as mães (75%).

processo de validação foram ainda aplicados a um grupo de teste, com 16 alunos e idêntico número de pais.

A aplicação final decorreu nos meses de Março e Abril de 2008, sendo o questionário dos jovens aplicado em ambiente de sala de aula e o dos pais/ encarregados de educação preenchido em casa.

Os questionários dos jovens e os dos pais têm idênticas dimensões de análise, cada um com as especificidades e adaptado aos sujeitos em questão. O objectivo foi reunir ambas as perspectivas relativamente às dimensões a estudar.

O grupo inicial de questões trata da identificação e caracterização dos sujeitos (idade, género, habilitações e profissão dos pais). Sobre as tecnologias, as dimensões são as seguintes: i) *Meios tecnológicos em casa*, tendo como objectivo fazer a identificação dos ambientes tecnológicos dos jovens; ii) *Computadores e Internet*, para investigar questões como o acesso, a relevância educativa e o tempo de utilização destes meios; iii) *Competências de utilização*, para averiguar as capacidades associadas a diferentes níveis de competência de utilizador e as que associam aos ambientes escolar e extra-escolar; iv) *Usos formais e informais da tecnologia digital*, com a finalidade de compreender se as tarefas executadas em ambiente escolar e em ambiente extra-escolar diferem; v) *Meios e aprendizagem*, para averiguar quais os meios que os jovens e família relacionam mais directamente com aprendizagem escolar; vi) *Web social*, onde procuramos identificar o poder que o virtual tem na vida dos jovens e de que forma esta utilização poderá desenvolver competências que modificam os seus modos de aprendizagem; vii) *Internet e Escola*, onde tentamos apurar as competências de pesquisa, noções de fiabilidade de informação e as orientações que os jovens recebem neste sentido por parte dos professores; viii) *Valor social dos meios/Internet*, pretendendo averiguar a importância atribuída aos respectivos meios pelo jovens e pais, e quais os que enquadram em contextos educativos e os que associam mais a uma vertente lúdica.

3. Resultados

De forma a facilitar a análise e discussão dos resultados, faremos a sua apresentação agrupando algumas das dimensões dos questionários.

Identificação e caracterização da amostra

No que respeita ao nível **familiar**, a média de *idades* da generalidade dos pais (88%) situa-se entre os 30 e 50 anos, havendo um número muito reduzido (2%) com menos de 30 anos e 10% com mais de 50 anos; quanto às *habilitações*, verifica-se que a taxa de escolarização é reduzida, sendo que a maioria tem apenas o 4º ano (46%) e o 6º ano de escolaridade (31%); no que respeita às *profissões*, tanto dos pais como das mães, na sua maioria, são não especializadas, sendo que muitos trabalham no sector primário, numa agricultura de subsistência.

Quanto aos **jovens** inquiridos, a percentagem de moças³ (57%) é superior aos rapazes (42%)⁴, com idades entre os 12 e os 17 anos. De acordo com os anos de escolaridade analisados, mostram percursos escolares dentro dos parâmetros normais.

Meios tecnológicos em casa

Uma visão geral das respostas aos questionários pelos jovens e pelas famílias⁵ mostra que os lares são tecnologicamente ricos, embora se note o predomínio de alguns meios: os audiovisuais são uma constante, os computadores e os telemóveis encontram-se, não só entre os mais comuns, como são os que existem em maior quantidade.

Nos audiovisuais, a **TV** continua a ser um dos meios predilectos nas habitações. A maioria dos jovens (58%) indica existir mais que dois aparelhos nas suas casas. Ao contrário dos anos iniciais da popularização da TV, em que este equipamento ocupava o centro das habitações onde a família se reunia (sala de estar), agora, os aparelhos de TV distribuem-se pelas várias divisões da casa, nos espaços comuns e nos quartos, incluindo os dos jovens. Continuando a TV a ser um dos meios com o qual os jovens continuam a ocupar, com muitas horas diárias os seus tempos de lazer, esta dispersão espacial tem implicações nas relações sociais das famílias.

Os resultados indicam alguma diferença por género nas preferências dos meios. Neste caso, não só as moças indicam mais vezes que a *TV* é um dos meios favoritos como também indicam mais como a 1ª preferência. Nos *videojogos* esta diferença é também significativa: 61% das moças não os indicam como um dos 3 meios favoritos, ao passo que para 60% dos rapazes são um dos meios preferidos.

Muitas destas famílias possuem um ou mais **computadores**. Os lares com computador totalizam 82%, tendo o grande impulso para a aquisição de computadores

³ Ocorrendo este Colóquio no Brasil, na diferenciação dos jovens por sexo utilizaremos a expressão moça para identificar a jovem do sexo feminino, e rapaz para o masculino.

⁴ 1 jovem não respondeu à identificação do sexo (n=127).

⁵ Em termos médios, de acordo com as diversas questões, o nº de respostas dos jovens rondou as 122 (n=122) e o das famílias as 87 respostas (n=87).

ocorrido nos últimos dois anos, já que 41% dos computadores têm esse tempo nos lares. Sublinhamos, no entanto, que 25% dos jovens não possuem computador.

Embora a existência de computadores seja razoável, o **acesso de Internet** é reduzido: cerca de 60% dos jovens e famílias não possuem qualquer acesso de Internet em casa. A principal razão apontada é o custo de acesso. Para atenuar esta info-exclusão, a escola pode assumir um papel de correção desta assimetria, devendo tomar as medidas necessárias para proporcionar uma qualidade de acesso semelhante ao nível de oportunidades a todos os jovens. Uma medida poderia passar pela liberalização de computadores com acesso livre nas escolas em diferentes espaços, para além dos das salas de aula que têm habitualmente utilizações mais específicas.

Dos que possuem Internet em casa, 30% têm há menos de 1 ano e 15,7% entre 1 e 2 anos, o que indica que o grande *boom* de acesso se deu recentemente, provavelmente incentivados pela necessidade escolar e social que cada vez mais a Internet tem, e também podem ter tido influencia os projectos institucionais para aquisição de computadores e acesso de Internet a baixo custo para estudantes e adultos em formação⁶.

Um dos meios que mais seduz os jovens, mas também as famílias, é sem dúvida o **telemóvel**. É frequente que cada elemento do agregado possua mais do que um aparelho.

Os jovens parecem encarar o seu telemóvel pessoal como o meio de estar “*online*”, no sentido de estar contactável a todos os momentos. Poderíamos até dizer que o serviço SMS (“Short Message Service”) quase é usado como um mensageiro instantâneo, no seu (quase) sincronismo (similar ao MSN - Messenger⁷). Das respostas dos jovens, apuramos que 96% possui telemóvel pessoal e 36,8% destes podem aceder à Internet através de telemóvel, em termos técnicos, embora um número muito reduzido o faça pelo custo que implica. O factor “*estar online*” é coerente com a percentagem de jovens que indica ter o telemóvel permanentemente ligado, mesmo no período nocturno (65,9%).

Quando solicitado aos jovens que indicassem o **grau de necessidade dos meios** indicados (definido em três níveis – “imprescindível” desejável” e “dispensável”), os

⁶ Na linha das recomendações da Comissão Europeia (COM, 2008), de implementação de medidas para a convergência digital e de combate à info-exclusão.

⁷ MSN – sigla de **MicroSoft Network**, um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft que permite que um usuário da Internet converse online e em tempo real.

mais referidos, nas duas primeiras categorias, foram a TV, telemóvel, Internet e o computador. O mais indicado como “Imprescindível” foi o telemóvel (62,1% das respostas), sendo claramente mais necessário para as moças, já que 61,1% o classifica como imprescindível, enquanto apenas 38,9% dos rapazes o faz.

Dos meios que mais consideram **contribuir para a aprendizagem**, 95% dos jovens indicam em 1º lugar a Internet, seguindo-se o computador (93%) e a TV (87,2%). No lado oposto, estão os videojogos. Estes resultados parecem indicar-nos que os jovens associam videojogos a algo mais lúdico, não os considerando como um potencial e efectivo meio de aprendizagem.

Computadores, Internet e Aprendizagem

Quanto à **localização do computador** com acesso à Internet verifica-se que 22,2% dos jovens tem a net no seu quarto ou então em outro quarto (21%), muitas vezes de outro dos jovens do agregado familiar. Este facto é corroborado pelo indicativo de 52,9% dos jovens aceder à Internet habitualmente sozinho. Com os pais, apenas 2,9%. No questionário familiar, os pais indicam também que em 29,3% das vezes os computadores estão colocados nos quartos, apesar de 21,2% terem rede sem fios e, portanto, variar de local. Um número significativo de pais (21,9%) admite que são os jovens da casa quem define a localização do computador com acesso de Internet.

Quanto ao **tempo de utilização** diário do computador pelos jovens, situa-se maioritariamente entre 1 e 3 horas (46% dos jovens), seguido de um tempo inferior a 1 hora (37%). Há, contudo 10% com um tempo superior a 3 horas e, no pólo oposto, 8% que usa raramente o computador. Sobre o tempo de ligação à Internet, 45% dos jovens indica que liga a Internet menos de uma hora por dia, mas 21% referem ter a Internet sempre ligada.

Pela análise de várias questões ao questionário, notamos que há uma diferença clara no tempo de uso, e consequentemente um acesso diferenciado de oportunidades de aprendizagem e situações de sociabilidade, entre os jovens com acesso à Internet em casa e os restantes.

Coerente com um **modo de aprendizagem** “natural” ou estilo *bricolage*⁸ (Turkle, 1995), a maioria dos jovens indica ter aprendido a usar a Internet e os computadores

⁸ Conceito proposto por Turkle (1995:76) que o define como: “A revalorização da *bricolage* na cultura de simulação inclui uma nova ênfase na visualização, bem como o desenvolvimento da vertente intuitiva através da manipulação de objectos virtuais. Em vez de serem obrigados a cumprir um conjunto de regras

“sozinhos” (52,3%). Embora 51,5% indique terem tido aulas formais sobre Internet na escola, apenas 17,4% indicam ter aprendido a usar a Internet em ambiente escolar. Quanto aos pais, pelo contrário, 23,2% dos utilizadores indicam ter aprendido através de um curso formal de informática e sozinhos apenas 14,5%.

Apenas 2,7% dos jovens indicam que a Internet não melhora as aprendizagens escolares, ao passo que 40,9% assinalam a categoria máxima (*melhora muito*).

A escola e a casa são os dois locais onde os jovens habitualmente acedem à Internet. Os restantes locais (como biblioteca, cafés e associações) têm muito pouco significado, talvez porque o acesso proporcionado nesses locais é reduzido ou pouco divulgado nas comunidades. Do total dos jovens, 32,8% indica como 1ª preferência o acesso em casa e 47,5% a escola como 1ª preferência para acesso de Internet. Dos jovens que não possuem Internet em casa (60% do total), 81,2% indicam a escola como o local onde mais acedem, enquanto este valor, comparativamente com os jovens que têm acesso em casa, cai para 6,2% como local favorito de acesso. Este facto alerta-nos claramente para o esforço que a escola deve fazer para proporcionar um acesso mais livre, dando uma **igualdade no acesso** às oportunidades e à participação proporcionada pela Internet.

Competências de utilização

Os jovens sem Internet em casa têm mais dificuldade em definir o seu **grau de competência** (66,7% destes jovens responde “não sabe”). Já 51,5% dos jovens com Internet em casa classifica o seu grau de perícia em “avançado”. Mais facilmente os rapazes assumem que o seu grau de perícia é mais elevado. Os pais classificam o grau de competência dos jovens como médio (46,5%), classificando-se a si próprios como “principiante” (30,7%), mas sobretudo como “não utilizador (34,5%). Quando questionados sobre as razões de não utilização, indicam que é por não terem acesso ou, quando têm, por ser demasiado difícil e frustrante para si. Daí que quando utilizem a Internet, os pais indiquem que não o fazem sozinhos a maioria das vezes, mas acompanhados por um dos jovens da casa (48,5%). Curiosamente, parece haver uma diferença, para os jovens, entre usar a Internet acompanhados pelos pais e acompanharem os pais no uso de Internet.

As actividades relacionadas com a *pesquisa de informação* são as competências que os jovens inquiridos consideram mais importantes para um utilizador de Internet (1ª preferência para 44,1%). As outras principais escolhas como 1ª preferência foram a utilização do MSN e do e-mail.

Enquanto as moças dão mais importância à pesquisa de informação e ao processamento de texto, os rapazes valorizam mais a componente técnica de instalar programas e fazer downloads (rapazes 80% na 1ª preferência e moças 20%). Confirmando, mais uma vez, a diferença de género relativamente aos videojogos, os rapazes consideram-nos como uma das 1ªs preferências, quando as moças praticamente os não referem. Uma das principais competências claramente distintas no género é o saber utilizar o *MSN*, que é a 1ª preferência das moças (94%). Embora os rapazes também o considerem importante, a maioria das suas respostas só recai na 3ª preferência de importância.

Usos formais e informais da tecnologia digital

Tentamos verificar se as **actividades** de uso de Internet são similares ou diferem conforme são feitas **na escola ou fora da escola**. Aqui se incluem as respostas de quem não possui Internet em casa, uma vez que a podem utilizar em outros contextos (biblioteca, associações e casa de amigos).

Em **contexto extra-escolar**, fazer pesquisas é a actividade mais frequente dos jovens. Outra das actividades mais indicadas é a visita a páginas de Hi5⁹ ou similares, sendo que em 80% dos casos é indicado como 1ª preferência nas moças. A realização de trabalhos escolares é, sem dúvida, uma das tarefas que os jovens mais realizam, sendo mais assinalada pelas moças. Fora da escola, sobretudo os rapazes indicam os *downloads* como uma das tarefas mais habituais. Para o fortalecimento das relações sociais os jovens parecem preferir meios como o telemóvel ou MSN em detrimento do mail.

Comparando com as actividades mais indicadas em **contexto escolar**, também fazer pesquisas é a mais assinalada pelos jovens, sobretudo pelas moças (66,6%). Também o Hi5 parece ser de uma grande atracção para os jovens, tendo uma utilização muito similar fora da escola e na escola: é uma actividade frequentemente efectuada por

⁹ O hi5 é um dispositivo da comunidade social virtual, criado por Ramu Yalamanchi (empresário norte-americano), onde cada usuário com registo pode criar um perfil com um *layout* atractivo, podendo colocar texto, fotografias, músicas e vídeos, e constituir uma comunidade de grupo de amigos.

cerca de 53% dos jovens em ambos os contextos. Ao contrário do MSN, o Hi5 é preferido pelos rapazes. O Hi5 tende a ser mais escolhido por quem não tem acesso em casa, comparando com o MSN, uma vez que o segundo implica sincronismo dos intervenientes.

O e-mail é pouco assinalado pelos jovens, embora tenha uma utilização ligeiramente superior em contexto escolar (21%). Fora do contexto escolar a sua utilização é indicada por 16,4% dos jovens. Ainda em contexto escolar, apenas residualmente os jovens indicam realizarem actividades como instalar programas ou fazerem páginas Web.

De salientar que nenhum dos jovens indicou não utilizar a Internet em contexto escolar, cumprindo esta uma das suas funções de igualdade de oportunidades, pelo menos aparentemente.

A quase totalidade dos jovens indica a área curricular (não disciplinar) de Projecto como aquela onde mais utilizam a Internet, sobrepondo-se à própria área disciplinar de TIC. Esta referência poderá estar relacionada com o tipo de utilização que é feita nas duas áreas. Provavelmente, a primeira é mais atractiva e motivadora para os jovens, dando-lhes liberdade de aprender experimentando e descobrirem por si, conforme ao modo de aprendizagem mais natural no uso da tecnologia. A segunda, sendo mais estruturada poderá ser encarada como mais uma disciplina, limitando esta autonomia na aprendizagem por tentativa e erro que tanto parece agradar aos jovens.

Ao concluir neste ponto, podemos considerar que a escola tem uma grande influência no uso do computador e da Internet, sendo um dos principais factores da sua utilização. Uma das razões de utilização do computador e da Internet prende-se, precisamente, com a realização de tarefas escolares, motivo mencionado frequentemente pelas moças que referem que o fazem “muitas vezes”.

Comunicação e Web social

Os jovens mostram utilizar um conjunto alargado de meios de comunicação para as suas relações sociais. Dependendo dos objectivos e contextos variam de meio, podendo ir do telefone fixo à comunicação virtual via Web. Um facto é notório, as suas vidas são ricas em meios e estes são utilizados amiúde e fazem parte integrante do seu dia-a-dia: 93%% dos jovens possui telemóvel, 40%% possui uma página de Hi5, 37% possui e-mail e 36% possui endereço de MSN. Para as moças, os meios que preferem para comunicar são o MSN, Hi5 e SMS.

O telefone fixo é mais utilizado para falar com familiares do que com os amigos; com estes o telemóvel é largamente o preferido (66,1% na 1ª preferência), sobretudo no envio de SMS (mensagens). O MSN é mais utilizado para comunicar com os amigos, sobretudo com os que conhecem pessoalmente. Embora mais de 50% indique não comunicar com pessoas que apenas conhece virtualmente, os que o fazem mostram preferência pelo MSN, logo seguido pelo telemóvel, sendo o serviço de mensagens (SMS) o preferido na utilização deste meio.

Os meios proporcionados pela **web social** são um dos principais atractivos para os jovens na sua utilização da Internet. Acima já vimos os valores sobre a posse de contas no Hi5 e MSN, mas a nível de mera utilização os valores são mais elevados: 56,4% dos jovens indica utilizar o Hi5 e 64,1% o MSN.

A adopção de uma identidade diferente da sua (*screen name*) nas comunidades virtuais é referida por 30,8% dos jovens, não se encontrando diferenças significativas por género.

Algumas diferenças de género encontram-se relativamente às conversas virtuais de conteúdo sexual, onde 67% dos rapazes indica ter tipo este tipo de conversas e apenas 33% das moças admite tê-lo feito; da mesma forma, mais rapazes indicam visitar sites de conteúdo pornográfico. Pode ser feita aqui uma leitura mais cultural, própria de uma sociedade de contexto rural (como é o caso desta amostra de jovens), onde as moças se poderão ainda prender a convenções sociais mais condicionantes para si quando se trata de admitir que se interessam por conteúdos de índole sexual.

A visão dos pais sobre este assunto é ligeiramente diferente, e salientamos aqui o facto de muitos dos pais indicarem desconhecimento, pelo menos na ordem dos 20%, relativamente às acções mais frequentes dos jovens na Internet. A visão dos pais, relativamente a conversas de índole sexual e visitas a sites pornográficos pelos filhos, é bastante inferior ao que os jovens indicam: apenas 2,5% dos pais (em 79 respostas válidas) dizem que sabem que os seus filhos têm conversas de natureza sexual na net.

Valor social dos meios/Internet

Quando questionados acerca das principais **razões de utilização da Internet**, numa questão aberta, as três principais são: a *elaboração de pesquisas e trabalhos*, *conversar* e *porque gosto*. Poderemos até dizer que estas razões, indicadas pelos jovens, ilustram aquilo que observamos diariamente: a componente ligada à escola, a possibilidade de ser um meio, entre muitos, usados pelos jovens nas suas relações

sociais e de amizade e o natural gosto pelo conhecimento e pela descoberta individual, proporcionada pelos meios digitais, mergulhando nesta cibercultura.

O **valor social** dos diferentes meios, e a leitura que é feita sob o ponto de vista dos jovens, indica-nos que ambos os géneros têm uma perspectiva muito positiva quanto aos benefícios da Internet. A maioria concorda que a Internet facilita a comunicação e aprendizagem. As moças indicam mais vezes que o facto de não possuírem Internet pode fazer os jovens sentirem-se excluídos, indicando também fazer uma utilização mais segura da Internet do que o que é indicado pelos rapazes.

Colocam-se algumas dúvidas aos jovens quando lhes é perguntado se consideram terem sido ensinados na escola a fazer um uso seguro da Internet: a maioria não tem opinião. Esta ausência de opinião pode levar-nos a pensar que a escola, em contexto formal, poderá não considerar temas como a segurança dos jovens, o uso da imagem, a protecção de dados, a autoria ou fiabilidade da informação de importância tal que os integre formalmente nos seus currículos. Talvez a aprendizagem da Internet seja deixada demasiado à total liberdade dos jovens, ao “correr riscos”, ao processo de “tentativa e erro” dos jovens, que embora saudável e positiva, pode levar não só a um uso potencialmente mais perigoso, como também mais limitado, das potencialidades da Internet. Provavelmente a escola deverá passar um pouco mais além da componente técnica e incorporar estes temas, formalmente, nos currículos. Talvez até seja o seu principal papel, numa fase em que a componente técnica será secundária. Usando uma imagem sugerida por Papert (1996) *terá interesse saber gramática, se não se compreende a língua nem se consegue usar como um recurso valioso...?*

Algumas associações interessantes são indicadas pelos jovens e pais, na sua **relação com os meios tecnológicos.**

A Internet salienta-se como o meio mais abrangente e mais completo, perspectiva partilhada tanto pelos jovens como pelos pais. A Internet é claramente indicada pelos jovens como o meio que ajuda a ter *melhores resultados escolares e aprender melhor* (obtendo uma maior percentagem do que os livros), a fortalecer as relações de amizade, mas também surge indicada como o meio *potencialmente mais perigoso*, de acordo com os jovens e pais.

Os livros, embora com grande proximidade com a Internet, foram também dos meios mais indicados que ajudam a ter *melhores resultados escolares*. É o meio mais positivamente valorizado pelos pais (96%, ao passo que a Internet regista 78%). Os livros são associados à aprendizagem escolar, valorizados como elemento potenciador

de *melhores resultados escolares* e que ajudam a *aprender mais e melhor* (neste indicador há uma grande proximidade com a Internet). Parece haver aqui uma diferenciação entre *aprender mais e melhor* e *ter resultados escolares melhores*. Será que existe a noção por parte dos pais que o que a escola ensina destina-se a uma avaliação de resultados e não necessariamente a um aumento de conhecimentos? Pode residir aqui a explicação para uma valorização do livro para a escola, enquanto que ao conhecimento estes já estão em igualdade com a Internet.

A televisão continua a exercer grande poder de atracção sobre os jovens, sendo o meio mais assinalado para ajudar a *passar melhor os tempos livres*. Os pais também associam a TV a uma melhor ocupação dos tempos livres. Os videojogos aparecem como o meio mais associado a valores negativos, por parte de 84% dos pais.

4. Conclusão

Ao longo do texto já fomos apresentando a sistematização de algumas conclusões sobre o uso dos meios digitais pelos jovens e família, bem como pistas para a integração das TIC na escola e currículo. Salientaram aspectos como: liberalizar e disponibilizar computadores para que os alunos (sobretudo os que não têm net em casa) possam fazer uso livre, contribuindo para criar igualdade de oportunidades; o tipo de tarefas com o uso da tecnologia e da Internet deve relacionar-se mais com o valor da informação, a fiabilidade, a segurança e a ética, e não tanto com uma exagerada formalidade técnica das TIC, até porque a técnica já é dominada pelos jovens; valorizar o uso da Internet em aprendizagem natural, em processo de "tentativa e erro", de descoberta, devendo ser privilegiado o seu uso em actividades de projecto (transdisciplinar) e não tanto como uma área disciplinar.

Verificamos que a visão dos pais e dos jovens diferencia-se quanto ao valor que é atribuído aos meios digitais em termos da sua importância na aprendizagem, mas também na utilização dos meios na manutenção das relações sociais.

Salienta-se um grande desconhecimento dos pais quanto à utilização que os jovens fazem de meios como a Internet, sendo que a principal motivação dos pais para a aquisição de tecnologia se prende com a aprendizagem e também com a ocupação dos jovens de uma forma que considerem segura.

Este conceito de segurança é coerente com o conhecimento e as competências digitais dos pais. Chamamos a atenção para o facto de a maioria dos pais não estabelecerem regras de utilização da Internet. As suas competências e até a utilização é

bastante baixa o que leva também que desconheçam os potenciais perigos inerentes aos meios. Ou antes, apesar de terem essa noção de potencial perigo, a falta de conhecimento de utilização leva a que os pais não controlem tendências de utilização, depositando na escola essa tarefa. O problema parece estar no facto de a escola também parecer não o fazer, optando por privilegiar a componente técnica de uso de Internet e descuidar factores como fiabilidade e segurança na Internet. E esta constatação constitui um desafio para a escola e organização do currículo.

No geral, verifica-se que a tecnologia é largamente mais atraente, mais utilizada e mais valorizada pelos jovens, não só pela sua utilidade em termos de aprendizagem e apoio às tarefas escolares, mas também pelo interesse e prazer que desperta, fazendo já parte natural das suas vivências e do seu dia-a-dia nas suas relações sociais.

Cabe-nos a nós, professores, saber tirar todo o partido desta valorização que os jovens fazem da tecnologia, rentabilizando todo o potencial que contêm para as mudanças organizacionais e curriculares necessárias.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, L. & FREIRE, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- BISQUERRA, R. (1989). *Métodos de Investigación Educativa*. Barcelona: CEAC.
- CARDOSO, G, COSTA, A., CONCEIÇÃO, C. & GOMES, M^a. (2005). *A sociedade em rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- CM (2005). Resolução do Conselho de Ministros nº 190/2005, de 16 de Dezembro. (criação do Plano Tecnológico).
- CM (2007). Resolução do Conselho de Ministros nº 137/2007, de 18 de Setembro (criação do Plano Tecnológico da Educação).
- COM (2008). *Preparar o Futuro digital da Europa - Avaliação Intercalar da Iniciativa i2010*. Comunicação da Comissão das Comunidades Europeias ao Parlamento Europeu ao Conselho, Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões In: http://ec.europa.eu/information_society/eeurope/i2010/ (acedido em Junho de 2008)
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Paz e Terra.
- GTAESI (2007). *A Sociedade da Informação em Portugal em 2007*. Lisboa: GTAESI – Grupo de Trabalho para Acompanhamento das Estatísticas da Sociedade da Informação. In: http://www.osic.unic.pt/publicacoes/SI_em_portugal_2007_PT.pdf (acedido em 21 Julho de 2008).
- JACQUINOT, G. (direc.) (2002). *Le jeune et les médias. Perspectives de la recherche dans le monde*. Paris : L'Harmattan (GRREM – Groupe de Recherche sur la Relation Enfants Médias, direcção de Geneviève Jacquinot).

- JENKINS, H. (2006). *Confronting the Challenges of participatory Culture: Media Education in the 21st Century*. MIT, Digital Media and Learning, <http://digitalllearning.macfound.org>, (acedido em Julho de 2007).
- KERCKHOVE, D. (1995). *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio d'Água.
- LENHART, A., MADDEN, M & HITLIN, P. (2005). Teens and Technology. Youths are leading the transition to a fully wired and mobile nation. *Pew Internet & American Life Project* (Digital Media and Learning) www.digitalllearning.macfound.org
- LÉVY, P. (2000). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LIGAR PORTUGAL (2005). Programa de acção integrado no Plano Tecnológico do XVII Governo, Mobilizar a Sociedade de Informação e do Conhecimento (In: http://www.portugal.gov.pt/NR/rdonlyres/81BFF50D-AF1F-48E0-B28B-952AB9D7FF9D/0/Ligar_Portugal.pdf). (acedido em 5 de Julho de 2007).
- LIVINGSTONE, S & BOVILL, M (2001 a). Young People New Media. *Final report of the project "Children, young people and the changing media environment"*. London: LSE. In: http://www.psych.lse.ac.uk/young_people (acedido em Fevereiro 2006).
- LIVINGSTONE, S & BOVILL, M. (2001 b). *Children and Their Changing Media Environment: A European Comparative Study*. London: Sage.
- LIVINGSTONE, S. & BOVILL, M. (2001 c). *Families, Schools and the Internet, Issue*. In: <http://www.lse.ac.uk/collections/@lse.uk> (acedido em Fevereiro 2006).
- LIVINGSTONE, S. (2004 a). Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies. *The Communication Review*, 7:3-14,
- LIVINGSTONE, S. (2004 b). Taking up Online Opportunities? Children's uses of the Internet for Education, Communication and Participation. *E-Learning*, 1, 395-419.
- LIVINGSTONE, S. (2005). Strategies for parental regulation in the media rich home. *London School of Economics and Political Science*, <http://www.lse.ac.uk/collections/@lse/whoswho/Sonia.Livingstone.htm> (acedido em Março de 2006).
- PAPERT, S. (1997). *A família em Rede*. Lisboa: Relógio d'Água.
- PEA (2008). *Educar para a Cidadania Responsável. Projecto Educativo de Agrupamento de Escolas de Pico de Regalados (2005-2008)*. In: http://www.eb23-pico-regalados.rcts.pt/docs/projecto_educativo05-08.html (acedido em 30 de Julho de 2008).
- SILVA, Bento (2001). As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, nº 2, Braga: Universidade do Minho, pp. 111-153. (Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/491>).
- SILVA, Bento (2002). A inserção das tecnologias de informação e comunicação no currículo – repercussões e exigências na profissionalidade docente. In António Moreira Flávio & Elisabete Macedo (coords.) *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora, pp. 65-91.
- SILVA, Bento (2005). Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. *Revista Educação & Cultura Contemporânea*, vol. 2, nº 3, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, pp. 31-51.
- TURKLE, S. (1995). *A Vida no Ecrã*. Lisboa: Relógio D'Água.